

## A Importância do Ensino Empreendedor na Formação de Nível Técnico

Marcos Hashimoto<sup>1</sup>, Ranulfo Soares da Fonseca Jr.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Faculdade Campo Limpo Paulista; University of Indianapolis (Estados Unidos) - [hashi.marcos@gmail.com](mailto:hashi.marcos@gmail.com)

<sup>2</sup> Senac São Paulo - [ranulfojr@uol.com.br](mailto:ranulfojr@uol.com.br)

### PALAVRAS-CHAVE

Empreendedorismo.  
Ensino empreendedor.  
Cursos técnicos.

Recebido 30.05.2018  
Revisado 30.08.2018  
Aceito 05.12.2018

ISSN 1980-4431  
Double blind review



### RESUMO

Este estudo analisou as propostas de ensino de empreendedorismo no ensino técnico profissionalizante. A carreira empreendedora é opção de 64% dos alunos de cursos técnicos patrocinados pelo Estado. A formação empreendedora nestes cursos é diferenciada, cuja proposta final é o fortalecimento da personalidade do aluno e o desenvolvimento das capacidades de iniciativa, criação, planejamento e inserção competitiva no mercado. As escolas técnicas vêm mostrando importância fundamental para a amplitude de formação de mão de obra. Para esta análise, apresentamos dois programas de metodologia pedagógica do SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial e outra da ETEC – Escolas Técnicas de Instituto Paula Souza. Ambas as instituições de ensino são voltadas para o ensino empreendedor documentado através das bibliografias e do programa de ensino desde o processo de ingresso no curso até a sua finalização. Os resultados demonstraram que, mais do que a simples formação do aluno em conceitos e práticas empreendedoras, as instituições analisadas buscam a formação de competências empreendedoras de seus alunos, integrados a todo o processo educacional, dentro e fora de sala de aula, como forma de aumentar as chances de sucesso do futuro empreendedor. A dificuldade de generalizar os resultados aqui obtidos corresponde à principal limitação deste estudo. As implicações dos resultados aqui apresentados podem ser altamente significativas em qualquer esforço de introdução, avaliação e revisão de programas de formação de empreendedores nos ensinos médios profissionalizantes no Brasil. A falta de outros estudos semelhantes caracteriza a originalidade deste artigo e principal contribuição à comunidade acadêmica de estudos em educação empreendedora.

### KEYWORDS

Entrepreneurship.  
Entrepreneurial education.  
Technical courses.

### ABSTRACT

This study analyzes the proposals of entrepreneurship teaching in vocational technical education. The entrepreneurial career is the option of 64% of young middle level students. Entrepreneurial training in technical courses emerges as a differentiated education, whose final proposal is to strengthen the personality of the student and the development of capacities for initiative, creation, planning and competitive insertion in the market. Technical schools have been shown to be of fundamental importance to the breadth of training of labor. For this analysis we studied two pedagogical methodology programs from SENAC - National Service of Commercial Learning and another from ETEC - Technical Schools of Institute Paula Souza. Both educational institutions are focused on entrepreneurial teaching documented through bibliographies and the teaching program from the process of joining the course until its completion. The results showed that, rather than simply training the student in concepts and entrepreneurial practices, the analyzed institutions seek the formation of entrepreneurial skills of their students, integrated into the whole educational process, inside and outside the classroom, as a way of Increase the student's chances of success in his/her entrepreneurial career. The fact that this study cannot be necessarily generalized to other educational environments characterizes the limitation of this research. The implications can be highly meaningful for any effort of introduction, evaluation and review of entrepreneurs education initiatives on Middle level education in Brazil. The lack of similar studies shows how unique is this research and a main contribution to the entrepreneurship education scholar community.

Revista de Negócios, v. 23, n. 3, p. 7-18, July, 2018.

## 1 Introdução

O ensino profissionalizante tem um papel fundamental no desenvolvimento econômico de países emergentes como o Brasil. Segundo Oliveira (2013) a necessidade de formar mão de obra qualificada com agilidade e qualidade para atender as demandas dos setores produtivos vem refletindo em uma grande aceitação de formados em cursos profissionalizantes tendo em vista o primeiro emprego ou desenvolvimento mais adequado de suas atividades. Grinspun (2012) completa que diversos problemas sociais que enfrentamos tais como educação, saúde lazer, trabalho entre outros vem mudando o comportamento da sociedade, que constantemente adota fatores para facilitar o processo de seu desenvolvimento educacional, dentre eles a busca por cursos profissionalizantes que visam aumentar a empregabilidade e melhorar a qualidade de mão de obra da região.

Neste cenário o estudo do empreendedorismo tem atraído grande interesse nacional e internacional nos últimos anos, principalmente, em virtude da sua forte relação com o desenvolvimento regional. Em sua pesquisa, Souza (2004) explica que, ao comportamento empreendedor unem-se governos, instituições de ensino e afins, investindo esforços e recursos financeiros para melhorar a qualidade da atividade empreendedora do país. Além do empenho no desenvolvimento do perfil empreendedor, mecanismos de suporte à empresa nascente são colocados à disposição de quem deseja abrir seu próprio negócio, abrangendo desde linhas de crédito e incubadoras tecnológicas até consultorias subsidiadas e eventos para promoção de redes de negócios. Estudos do Senac e do Senai em 2014 sinalizam para a necessidade de mudanças de ideias e atitudes em todas as áreas do conhecimento para se adequar à crescente demanda por programas de formação em empreendedorismo, tanto quanto a disseminação da cultura empreendedora no país.

O SEBRAE - Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas – realizou diversas parcerias de ensino com escolas técnicas desde 2011 para incentivar o conhecimento do empreendedorismo já os cursos profissionalizantes. Segundo sua pesquisa de 2013 houve um aumento de 17% de alunos que montaram seus próprios negócios comparando com 2011. O modelo proposto pelo SEBRAE para o ensino fundamental e profissionalizante incentiva a

busca pelo autoconhecimento e o espírito de coletividade por meio de novas abordagens de ensino e aprendizagem que atuem como instrumentos de transformação do indivíduo, incentivando-o a despertar o comportamento empreendedor para romper paradigmas e desenvolver habilidades específicas. Fazenda (1995) reforça o conceito de que o comportamento empreendedor deveria ser incentivado desde o ensino básico. Nestas condições demonstradas, questionamos se o curso técnico, dentro dos modelos atuais de ensino, colabora para a evolução do empreendedorismo no país.

Na tentativa de ajudar a aprofundar e clarear o tema, o presente artigo tem como objetivo analisar a os modelos metodológicos aplicados para o desenvolvimento do perfil empreendedor dos alunos de escolas técnicas.

## 2 Referencial Teórico

### 2.1. O Ensino de Empreendedorismo

Como vários estudos já ressaltaram, o termo empreendedorismo tem origem na segunda metade do século XVIII (Cantillon, 1755) e no início do século XIX (Say, 1997), economistas preocupados tanto com o ambiente macro, quanto com a criação de novos empreendimentos e gerenciamento de negócios. Para eles, empreendedores eram considerados indivíduos que corriam riscos, porque investiam o seu próprio dinheiro. A relação entre risco e inovação vem apenas no século seguinte (SCHUMPETER, 1983).

Há poucas dúvidas, hoje, de que uma sociedade com mercado livre é capaz de produzir mais riqueza. Mas há uma condição primordial para que isso aconteça, uma característica sem a qual o mercado mais livre pode se tornar o menos aproveitado de todos: Pessoas. Sem pessoas capazes de criar e aproveitar oportunidades, melhorar processos e inventar negócios, de pouco adiantaria ter o mercado mais livre do mundo. Isto é importante porque significa a crença de que as comunidades, através da atividade empreendedora, podem ter a iniciativa de liderar e coordenar o esforço no sentido do seu próprio crescimento econômico. Acredita-se ser possível alterar a curva da estagnação econômica e social por meio da indução de atividades inovadoras, capazes de agregar valores econômicos e sociais (BOAVA &

MACEDO, 2006; HISRICH & PETERS, 2006; RODRIGUES, 2007).

O economista Schumpeter (1983) associou o empreendedorismo ao desenvolvimento econômico e mostrou como as ações inovadoras podem introduzir descontinuidades cíclicas na economia. Para o autor, os papéis centrais do empreendedor passaram, então, a fixar-se em três bases: a inovação, o assumir riscos e a permanente exposição da economia aos estados de desequilíbrio, rompendo-se a cada momento paradigmas que se encontravam estabelecidos.

*O empreendedor é o agente do processo de destruição criativa, que é o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista, constantemente criando novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados e, implacavelmente, sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros. (SCHUMPETER, 1983 apud DEGEN, 1989, p.1)*

Para Filion (1999) um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões, além de ser uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos, mantendo um nível de consciência do ambiente em que vive e utilizando-o para detectar oportunidades de negócios. Percebe-se pelos conceitos acima a relevância do tema empreendedorismo para o desenvolvimento do país e sendo associada a uma boa educação, seu entendimento e compreensão será fundamental para seu crescimento. O autor reforça que não se pode avaliar uma pessoa e afirmar, com certeza, que ela vai ser bem-sucedida enquanto empreendedor ou não. Mas pode-se dizer se essa pessoa possui características mais comumente encontradas nos empreendedores.

*A pesquisa sobre empreendedores bem-sucedidos permite aos empreendedores em potencial e aos empreendedores de fato identificarem as características que devem ser aperfeiçoadas para a obtenção do sucesso (FILION, 1999, p.106).*

Marcarini, Silveira e Hoeltgebaum (2003) também reforçam que o desenvolvimento do empreendedorismo começa pela educação, em todos os níveis da vida acadêmica. É preciso formar pessoas que sejam mais autônomas mais criativas e

capazes de liderar. O empreendedorismo, sem dúvidas, é um assunto muito estudado pelas escolas técnicas e universidades atuais, e este tal crescimento ocorre principalmente no Brasil, no entanto, o ensino de empreendedorismo nas escolas técnicas e superiores ainda carece de estudos mais aprofundados (ROCHA & FREITAS, 2014). Mais recentemente, se estabeleceu a diferença entre o empreendedor, perfil empreendedor, espírito empreendedor e o intraempreendedor que é encontrado em diversos planos de ensino. A seguir realizemos algumas análises bibliográficas sobre perfil empreendedor, espírito empreendedor e o intraempreendedorismo.

Dutra (2002) explica que a abordagem comportamentalista dominou o estudo do empreendedorismo por mais ou menos vinte anos e nos anos 80 o empreendedorismo atraiu a atenção de outras ciências, crescendo e espalhando-se por quase todas as áreas de conhecimento. O empreendedorismo tornou-se um dos raros assuntos que atraem especialistas de grande variedade de disciplinas e tem sido estudado sob diversos aspectos, envolvendo temas dos mais variados possíveis. Embora os comportamentalistas tentem categorizar um perfil empreendedor, os empreendedores não representam um grupo homogêneo, pois assumem muitas formas diferentes, cada um com suas características próprias. O autor afirma que “os empreendedores parecem ser orientados para a realização, gostam de assumir responsabilidades por suas decisões e não gostam de trabalho repetitivo e rotineiro”. Faz ainda uma abordagem aos empreendedores criativos, colocando que eles possuem altos níveis de energia e altos graus de perseverança e imaginação que, combinados com a disposição para correr riscos moderados e calculados, os capacitam a transformar o que frequentemente começa como uma ideia simples e mal definida em algo concreto.

Para o autor, os empreendedores geram um entusiasmo contagiante dentro da organização e transmitem um senso de propósito e determinação. Sabem como liderar uma organização e dar-lhe impulso e, por isso, representam a força motriz da economia, a riqueza de uma nação e seu potencial para gerar empregos. No Site oficial do Senac é explicado os objetivos de seu curso quanto a aplicabilidade do ensino empreendedor: Tornar empreendedor é um visionário, alguém que se arrisca em grandes projetos, é proativo e vai além

de suas obrigações e expectativas podendo também ser um funcionário empreendedor, intraempreendedor e deve estar sempre à frente de seu tempo, ter uma visão holística da área em que atua, se antecipando na tomada de decisões que tenham possibilidades de êxito.

Segundo Pinchot (1989, p.42), “os intraempreendedores são homens e mulheres que, a partir de uma ideia, e recebendo a liberdade, incentivo e recursos da empresa em que trabalham, dedicam-se entusiasticamente para transformá-la em um produto bem-sucedido”. O processo em que as empresas criam estrutura e processos que incentivam a ação dos intraempreendedores é explicado por Hashimoto (2010) como Orientação Empreendedora. As escolas podem desenvolver o empreendedorismo nos alunos ou até mais, identificar os intraempreendedores que serão base para a formação do grupo de estudos.

O ensino de empreendedorismo na academia, no entanto, está paralisado pelo uso de metodologias econométricas, que buscam utilizar um conjunto de ferramentas estatísticas, com o objetivo de entender a relação entre variáveis econômicas por meio de modelos matemáticos, e uso de bases de dados secundárias, que envolvem generalizações, análises, sínteses, interpretações e avaliações da informação original, que "distancia os pesquisadores de pessoas reais" (VANEVENHOVEN, 2013).

O processo de aprendizagem do empreendedor deve passar pela aprendizagem experimental, que envolve o conhecimento do empreendedor e as experiências da carreira que são continuamente criadas e recriadas (POLITIS, 2005). A aprendizagem apropria-se de elaborações do conhecimento adquiridos pela experiência e pela dicotomia da teoria e da prática (PIMENTEL, 2007). O ciclo vivencial de aprendizagem passa pela experiência em si, vai para a reflexão sobre as reações durante a experiência, apresenta um momento de generalizar, no qual há comparação com a realidade, e por fim, propõem-se a recuperar o aprendido por meio da experiência e usar em novas experiências (KOLB, 1984).

A partir do modelo de Kolb (1984) outros autores discutiram sobre a aprendizagem do empreendedor. Para Rae (2004) a aprendizagem do empreendedor é composta de 3 (três) elementos: A formação pessoal e social, ligada as experiências profissionais, de vida familiar, educação, carreira e relações sociais; A aprendizagem contextual, que

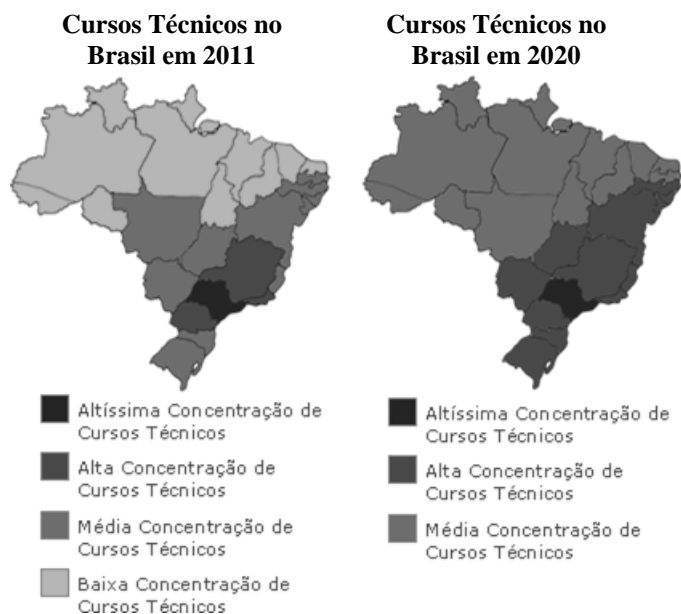
traz o conhecimento da teoria aplicado a prática, e assim permite visualizar oportunidades de negócios; E o empreendimento negociado, redes de relacionamento e parcerias, estrutura e práticas de negócios e papéis exercidos (ZAMPIER & TAKAHASHI, 2011).

O ensino do empreendedorismo tem grandes possibilidades de se firmar como prática nas escolas porque a cultura do Brasil é a do empreendedor espontâneo (FILION, 1999). Ele só precisa de estímulo. Ainda segundo Filion (1999) é necessário que o Brasil promova um programa nacional de educação empreendedora que insira todos os níveis escolares. É preciso preparar os jovens desde o fundamental a desempenharem papéis de empreendedores. Percebe-se que no Brasil, os processos de ensino de empreendedorismo, nas instituições de ensino vêm crescendo, uma vez que estas estão inserindo, em suas matrizes curriculares, a disciplina de empreendedorismo, procurando assim, estimular a criação de novos empreendimentos ou negócios. E essa capacitação profissional, através do ensino de empreendedorismo é que forma uma economia competitiva em níveis globais

O ensino do empreendedorismo apresenta muitos desafios para os próximos anos. Entre eles, a necessidade de trazer inovações ao ensino e às etapas do aprendizado. Há cem anos, a criação de escolas e o fenômeno da educação para as massas tiveram como resultado separar o aprendizado de seu contexto e de sua aplicação prática (FILION, 1999). Hoje, para se ensinar o empreendedorismo é importante que a abordagem leve o aluno a definir e estruturar contextos e compreender várias etapas de sua evolução.

Estudos sobre ensino de empreendedorismo no Ensino Médio são carentes. Um levantamento, ainda que parcial, mais recente é de 2001 realizado pelo Sebrae (SEBRAE, 2001), caracterizando uma lacuna no campo do estudo científico que este estudo se propõe a cobrir. Começando pelos dados existentes sobre cursos técnicos no Brasil, a Figura 1 faz uma projeção sobre a estimativa do Governo Federal através do MEC quanto ao crescimento dos cursos técnicos no Brasil tendo como base o ano de 2011 até 2020.

**Figura 1.** Comparativo dos Cursos Técnicos base 2011 à 2020



Fonte: Mec.

Entre 2008 e 2014, o número de matrículas em cursos técnicos de nível médio cresceu 55,3%. Essa informação vem do Censo da Educação Básica, elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP, 2014). Esses cursos, também conhecidos como cursos de curta duração de educação profissional, têm entre 800 e 1400 horas de duração (cerca de dois anos). Estes dados confirmam a estimativa do governo de crescimento nesta área do conhecimento.

A educação técnica pode ser cursada por estudantes a partir do segundo ano do Ensino Médio e depois de finalizada a escola. A modalidade “formação integrada”, que permite cursar os ensinos médio e profissionalizante ao mesmo tempo e na mesma escola, foi a que mais cresceu nos últimos anos. O Censo da Educação Básica/2014 apontou que mais da metade (58,6%) das matrículas em cursos técnicos de nível médio se concentram nos dez cursos mais procurados. No ano de 2013, os cursos com maior número de matrículas foram, respectivamente, enfermagem, administração, informática, segurança do trabalho, mecânica, agropecuária, eletrônica, edificações, contabilidade e logística.

Os Cursos Técnicos ou Profissionalizantes são estudos rápidos com duração máxima de dois anos focando áreas mais práticas ou carentes de profissionais capacitados (Souza, 2004). Os Cursos Profissionalizantes, também denominados de “cursos livres”, apresentam conteúdos estabelecidos de acordo com o perfil profissional e

com as competências requeridas pelo mercado de trabalho. É uma ótima alternativa para quem deseja o ingresso imediato no mercado de trabalho, pois oferecem uma qualificação profissional e possuem uma curta duração. Além disso, para quem trabalha, os cursos profissionalizantes auxiliam no desenvolvimento profissional, possibilitando uma atualização sobre as novas exigências adotadas nas empresas. De acordo com pesquisa realizada pelo SENAI – Serviço Nacional para Indústria (2012), estudo realizado com profissionais formados em escolas técnicas mostram que, um ano depois de obterem o diploma, os trabalhadores de nível técnico conseguem aumentar sua renda em 24%. O levantamento – feito pela própria instituição entre 2010 e 2012 acompanhou metade das quase 40 mil pessoas que terminaram os cursos em 2010 com o objetivo de analisar os impactos da educação profissional na sua empregabilidade. A pesquisa ainda aponta que os motivos que fazem os cursos técnicos serem tão atrativos para quem busca um emprego são a rapidez, pois a grande maioria tem duração de 1 ano ou até 2 anos, o custo, uma vez que são mais acessíveis financeiramente, se comparados a uma faculdade e o foco no mercado, isto é, a capacitação técnica e prática são abordadas logo no início do curso, porque visam atender a demanda das empresas.

A habilitação profissional técnica segue a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9394, de 20/12/96) onde:

*Técnico:* para jovens e adultos que estejam cursando ou tenham concluído o ensino médio, mas cuja titulação pressupõe a conclusão da educação básica de 11 anos (Lei n.º 9394, de 20/12/96);

Com o crescimento econômico do País, o Governo Federal criou em 2011 o PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego, que pretende levar os cursos técnicos para onde eles ainda não existem. Nele há determinações a financiamento de cursos gratuitos no chamado composto Sistema S formado pelas redes Sesi, Senai, Sesc e Senac além de escolas técnicas estaduais como as ETECs em São Paulo. Em maio de 2013 O Ministério da Educação (MEC) lançou programa Pronatec Empreendedor, que prevê a capacitação de mais de 181 mil estudantes em 15 cursos oferecidos pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Também estima-se a capacitação de 2,5

mil professores, sendo que em 2014, a iniciativa deve ser ampliada, para abarcar um contingente de 1,3 milhão de estudantes e 5 mil professores segundo o site oficial do MEC ([www.mec.org.br/pronatec](http://www.mec.org.br/pronatec)).

### 3 Metodologia

A pesquisa foi exploratória e o método qualitativo. Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 1991). Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 1991). A pesquisa é desenvolvida no sentido de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato. Portanto, esse tipo de pesquisa é realizado, sobretudo, quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Uma característica interessante da pesquisa exploratória consiste no aprofundamento de conceitos preliminares sobre determinada temática não contemplada de modo satisfatório anteriormente. Assim, contribui para o esclarecimento de questões superficialmente abordadas sobre o assunto.

Algumas finalidades primordiais da pesquisa exploratória: proporcionar maiores informações sobre o assunto que se vai investigar; facilitar a delimitação do tema de pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses; ou descobrir um novo tipo de enfoque sobre o assunto (GIL, 1991).

O delineamento se deu por meio de análise de documentos, uma vez que tem como finalidade reunir informações das instituições de ensino por meio de conhecimento dos programas de cursos e bibliografias sobre o ensino do empreendedorismo. Segundo Calado e Ferreira (2013), a análise, as operações e verificações realizados nos documentos visam atribuir um significado relevante em relação ao problema investigado. A análise dos programas de ensino se deu à luz da legislação específica sobre cursos técnicos profissionalizantes. Ela abrange: publicações

avulsas, artigos científicos, anais de congressos, livros especializados, jornais, revistas, internet, etc. Esse levantamento é importante tanto nos estudos baseados em dados originais, colhidos numa pesquisa de campo, bem como aqueles inteiramente baseados em documentos (SEVERINO, 2017).

O levantamento dos documentos foi feito nas próprias instituições pesquisadas. A natureza deste estudo permitiu uma ampla diversidade dos locais dos documentos. Segundo Calado e Ferreira (2013), essa distinção ajuda o pesquisador a selecionar as fontes de informação mais adequadas em função do seu conhecimento do tipo de registro que são abrigadas pelas instituições estudadas. Quem se propõe a realizar uma pesquisa documental deve ter domínio deste conhecimento para melhor planejar o uso equilibrado do tempo disponível para acessar estas fontes em função do seu nível de criteriosidade e relevância do material necessário, o que, por si só, já constitui uma pré-análise da documentação. Flores (*apud* CALADO & FERREIRA, 2013) diz que as atividades de coleta e pré-análise, são duas tarefas que se completam e que se condicionam mutuamente.

#### 3.1. Escolas ETECs e SENAC

As instituições de ensino escolhidas foram as ETECs e SENAC devido sua representação de alunos formados em 2011 que representam 36% segundo o Ministério da Educação. As ETECs são uma Autarquia do Governo do Estado de São Paulo vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, o Centro Paula Souza, e administra 211 Escolas Técnicas (Etecs) e 56 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais em 161 municípios paulistas. As Etecs atendem cerca de 226 mil estudantes nos Ensinos Técnico e Médio. Atualmente, são oferecidos 124 cursos técnicos (A partir do 2º semestre serão 127) para os setores Industrial, Agropecuário e de Serviços. Este número inclui 3 cursos técnicos oferecidos na modalidade semipresencial, 24 cursos técnicos integrados ao Ensino Médio e 2 cursos técnicos integrados ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Já nas Fatecs, mais de 64 mil alunos estão matriculados nos 65 cursos de graduação tecnológica. Para ingressar numa Etec, o candidato deve passar por um *Vestibulinho*, processo seletivo aplicado para quem pretende estudar em Escolas Técnicas Estaduais.

O Senac é uma entidade nacional, autônoma, de direito privado, criado através do Decreto Lei nº 8.621, em 10 de janeiro de 1.946, mantida e administrada pelo comércio e serviços (setor terciário) e sua missão é "Educar para o trabalho em atividades de comércio de bens, serviços e turismo", através de ações educacionais e disseminação de conhecimentos no comércio e serviços, contribuindo para o desenvolvimento do país, atuando nas áreas de Gestão, Comércio, Comunicação, Design, Imagem Pessoal, Turismo, Hospitalidade, Saúde, Informática e Idiomas. No SENAC há também cursos para "jovens aprendizes", entre idade de 14 e 24 anos (e sem limite de idade para portadores de deficiências), com a capacitação e desenvolvimento da qualificação profissional dos jovens na entrada do mercado de trabalho. Sua missão é desenvolver pessoas e organizações para o mundo do trabalho com ações educacionais e disseminando conhecimentos em Comércio de Bens e Serviços.

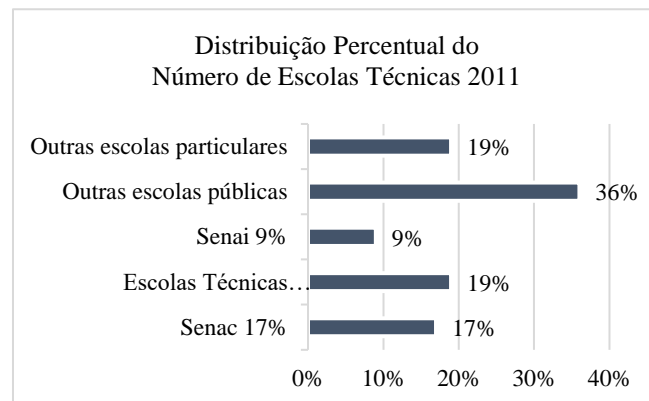
Ao longo de quase 70 anos de atividades, o SENAC espalhado por todo o Brasil preparou mais de 40 milhões de pessoas para o setor de Comércio e Serviços, contribuindo para a valorização do trabalhador, por meio de sua capacitação profissional em doze áreas de formação, incluindo cursos de idiomas. Através de diferentes modalidades de ensino, dentre as quais destaca-se o programa SENAC Móvel, a instituição se faz presente em mais de 1.850 municípios, capacitando para o Trabalho mais de um milhão de brasileiros, a cada ano.

O papel do professor tradicional na sua forma de ensinar empreendedorismo deve considerar as relações com o ambiente natural do empreendedor como fonte essencial de conhecimento/aprendizado. Nesta área, a conexão do aluno com o mundo exterior à escola precisa ser intensa e sem intermediários. O verdadeiro ambiente acadêmico do aluno-empendedor é o mercado, onde se articulam forças produtivas, econômicas, sociais, políticas (FILION, 1999)

A instituição atua também no ensino superior desde 1989. Hoje, o [Centro Universitário Senac](#), em São Paulo, oferece cursos de graduação (bacharelados e de tecnologia) e de pós-graduação (aperfeiçoamento, especialização e mestrado profissional e acadêmico). No interior do Estado, os dois campi do Senac ficam junto aos hotéis-escola Grande Hotel São Pedro e Grande Hotel Campos do Jordão — nestes casos atendendo à área

de turismo, hotelaria e de gastronomia. Na capital, o Campus Santo Amaro abriga cursos superiores de todos os segmentos do Senac. O Gráfico 1 demonstra essa representatividade das ETECS e Senac com as demais escolas do país:

**Gráfico 1.** Participação das Escolas Técnicas em 2011/Brasil



Fonte: MEC/Inep/Deed, 2011.

#### 4 Análise dos dados: Programa de Ensino Empreendedor

Tanto o SENAC quanto a ETEC prezam pela interdisciplinaridade onde são citadas diversas vezes e seus planos de curso. A interdisciplinaridade surgiu na Europa, em especial na França e na Itália, em meados da década de 1960, quando os movimentos estudantis reivindicavam um novo estatuto de universidade. Tal posicionamento foi fruto da alienação capitalista de certas ciências, que, sobrepujando a Academia de questões do cotidiano, incitava o olhar do aluno numa única, restrita e limitada direção (FAZENDA, 1995). A proposta metodológica demonstrada no Quadro 1 refere-se ao programa de ensino SENAC sendo base comum em todos os cursos técnicos.

##### Quadro 1. Programa Ensino – Empreendedorismo SENAC

- Conceito de empreendedorismo.
- Características do perfil do empreendedor. -Perspectivas de negócios e possibilidades de sucesso no cenário atual.
- SCAMCEA – (substituir, combinar, adaptar/arrumar/aumentar, modificar, colocar outros usos, eliminar e arranjar.
- Análise SWOT
- Perspectiva de mercado (produtos / serviços)
- Estrutura de Negócios (proposta de sumário executivo)
- Processos e trâmites de abertura de uma empresa
- Modelos mentais relacionados à iniciativa, comprometimento, persistência/perseverança, liderança, ética, orientação para resultados, gerenciamento de riscos, trabalho em equipe, sustentabilidade e a criatividade.

Desafio ao aluno: *Qual é a importância do perfil empreendedor para a minha carreira?*

Como posso reconhecer e investir no meu potencial empreendedor, visando ao autodesenvolvimento?

Enfoque geral: Desenvolver competências relacionadas à gestão nas diversas áreas da empresa, mediante pesquisa, análise, avaliação de indicadores e fornecimento de informações para tomada de decisões, com proposição de alternativas de mudanças e melhorias de processos que conduzam a um desenvolvimento aceitável, prático em determinação empresarial. **Desafio:** *Qual é a importância do perfil empreendedor para a minha carreira?* Como posso reconhecer e investir no meu potencial empreendedor, visando ao autodesenvolvimento? **Atividade exploratória:** Para desencadear as atividades nesta etapa e também contextualizar empreendedorismo como carreira, o docente pode apresentar vídeos, casos ou reportagens sobre intraempreendedores, gerando uma discussão sobre o que diferencia estes profissionais dos demais. A partir de uma discussão conjunta com o docente, a classe pode preparar uma **lista de atributos comuns aos empreendedores**, sejam funcionários de empresas ou donos de seus próprios negócios. Esta lista de atributos pode incluir postura pessoal (iniciativa, pró-atividade, comprometimento, perseverança, caráter, ética, orientação para resultados), atributos a partir da expansão do conhecimento (conhecimentos gerais, cultura) e atributos desenvolvidos por técnicas (criatividade, gestão de riscos, liderança, sustentabilidade, raciocínio lógico, resolução de problemas, gestão, trabalho em equipe, auto-avaliação).

O docente deve levantar questionamentos sobre a importância das informações no desenvolvimento de sua carreira profissional, remetendo ao desafio. **Atividades sugeridas para responder ao desafio: Pesquisa sobre empreendedores:** docente solicita ao aluno que, individualmente, pesquise: artigos, entrevistas, documentários e estudo de casos de pessoas que considere “de sucesso”. Podem, por exemplo, ser investigadas as seguintes personalidades: **Grazziotin**, Gilson. *A arte do varejo – O pulo do gato está na compra*. Ed. Senac., **Duro, Jorge & Bonavita**, Junior. *Desperte o empreendedor em você! Dê asas ao seu sonho!*. Ed. Senac RJ e Kit "Estudo de Casos Empreendedorismo" produzido pelo Núcleo de Empreendedorismo e disponível em todas as bibliotecas da rede Senac e na intranet, na página do curso. É comum encontrar em anuários como *Maiores e Melhores*, da Revista Exame, *Empreendedores do Novo Brasil*, da Revista Você S.A., *Empreendedor do Ano*, *Pequenas Empresas e Grandes Negócios*, Ernest Young, Lista de Empreendedores da ONG Endeavor ou em edições de final de ano, uma lista de pessoas e empreendedores bem sucedidos. Na última edição do ano da revista Exame, por exemplo, há uma lista de pessoas vencedoras. **Apresentação e discussão de vídeos:** Há alguns filmes que podem ser utilizados para gerar discussão sobre o tema empreendedorismo e intraempreendedorismo, tais como: *Empreenda*: (<http://www.youtube.com/watch?v=b17-P6OCvSg>), acesso em 13/10/2010 Empreendedorismo SENAC – SP.

Fonte: Senac (2015).

A proposta metodológica da ETEC também

utiliza a interdisciplinaridade em seus cursos acreditando assim ser uma ferramenta de uma cultura pedagógica empreendedora apresentada abaixo no Quadro 2:

#### Quadro 2. Programa Ensino – Empreendedorismo ETEC

1. Origem e Evolução do Empreendedor:

- a. Conceitos;
- b. O futuro do empreendedorismo no Brasil e no mundo;
- c. Características, valores e virtudes do empreendedor;
- d. Perfil do empreendedor.

2. Empreendedorismo X Desenvolvimento Econômico:

- a. Micro e pequenas empresas;
- b. Impacto da atividade empreendedora;
- c. Planos de Negócios

Proporcionar ao aluno o conhecimento das características empreendedoras, a busca as oportunidades de negócios e o desenvolvimento do plano de negócios e apoio ao desenvolvimento sustentável.

Aulas expositivo-dialogadas tendo o conteúdo a ser apresentado pelo professor baseado na referência básica O SEGREDO DE LUIZA, de Dolabela (1999). Nas exemplificações que o conteúdo exige os alunos serão incentivados a participar apresentando seus casos conhecidos.

Fonte: ETEC (2015).

O conteúdo abordado pelo SENAC e pela ETEC destacam-se pelos desafios a serem adotados no decorrer do curso que permite melhor integração do aluno com o professor, mas no tocante desenvolvimento de planos de negócios ou outras ferramentas mais práticas observam-se metodologias bem parecidas. Souza (2004) explica que é preciso transformar nos alunos suas capacidades empreendedoras para que possam vir a desenvolver as boas ideias complementa ainda que o desenvolvimento do perfil empreendedor, com base no aprender a aprender, advém, em grande parte, do abrir espaço para a criatividade.

[...] apreender a compreender o mundo, comunicação e colaboração do contexto competitivo, raciocínio criativo e resolução de problemas encarando a vida em uma perspectiva criativa, domínio pessoal, processo no qual é desenvolvido o autoconhecimento e o autodesenvolvimento, pensamento sistêmico, possibilitando a clareza na percepção de todo e relação entre as partes, e liderança. Assim como formação baseia-se no desenvolvimento e autoconhecimento com ênfase na perseverança, na imaginação, na criatividade, associadas à inovação, passando a ser importante não só o conteúdo do que se



aprende, mas, sobretudo, como é aprendido. (SOUZA, 2004, p.93)

Abaixo são atividades complementares inseridas em ambos os programas:

- a) Visitas técnicas, seminários e palestras realizadas durante o semestre, de acordo com a necessidade de cada disciplina/período e curso.
- b) Grupo permanente de estudos sobre empreendedorismo.
- c) Fórum de empresas/empresários parceiros da instituição com participação dos alunos e professores.
- d) Feira de negócios - evento realizado sistematicamente com o intuito de oportunizar aos alunos empreendedores um espaço onde possam expor para a comunidade acadêmica e a sociedade as ideias levantadas pelos grupos de trabalho.
- e) Incubadora de negócios - tem a finalidade de viabilizar as propostas de “empresas” que surgirem do trabalho da pesquisa acadêmica interdisciplinar.

As escolas ainda adotam o modelo construtivista em suas abordagens de ensino. Os estudos de Piaget (1990), pioneiro no estudo do desenvolvimento cognitivo, influenciaram uma corrente de educadores, que partem do princípio de que há algum tipo de interação entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento. Portanto, veem a relação sujeito-objeto sob o ponto de vista da construção mútua, onde nenhum dos dois é neutro. O aluno é reconhecido como detentor de uma história particular e de conhecimentos construídos por experiências próprias, que devem ser considerados no processo de ensino. Assim, na visão da pedagogia cognitivista ou construtivista, a aprendizagem refere-se às aquisições que ocorrem somente quando o aluno desenvolve seu próprio conhecimento, sendo sua inteligência o instrumento da aprendizagem. Isso faz com que, na opção construtivista, o ensino de conteúdos deva ser substituído pelo ensino de relações, para que a inteligência possa ser desenvolvida e o conhecimento construído.

Outra questão importante é o desempenho do professor desta disciplina como pré-requisito nas duas instituições: O papel do professor em um programa didático no qual o comportamento é o alvo maior, e em que o conhecimento não é

transmitido pelo mestre, mas gerado pelos próprios alunos, no processo de elaboração da sua visão de empresa, na auto avaliação do seu comportamento, na construção de seus métodos próprios de aprendizado, na forma proativa de agir.

Para que um professor desempenhe com maestria a aula na matéria de sua especialidade, ele precisa conhecer as demais matérias, os temas transversais que devem perpassar todas elas e, acima de tudo, conhecer o aluno. Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado! E o professor é capaz de fazer isso. Para quem teve uma formação rígida, é difícil expressar os sentimentos; há pessoas que não conseguem elogiar, que não conseguem abraçar, que não conseguem sorrir. O professor tem de quebrar essas barreiras e trabalhar suas limitações e as dos alunos (MOREIRA, 1995, p. 132).

Nota-se que não é esperado que o aluno seja instigado a abrir seu próprio negócio a partir da disciplina cursada e sim sensibilizá-lo para o tema empreendedorismo. De acordo com a descrição da disciplina, a decisão e o preparo para abrir o próprio negócio depende também de seu amadurecimento pessoal, amplitude de visão, identificação de uma oportunidade e capacidade de aprendizagem e o tempo adequado para este amadurecimento é muito pessoal e particular de cada indivíduo. Com o domínio da visão do todo, pode-se esperar, por exemplo, que o futuro empreendedor procure um emprego na sua área de interesse com a finalidade de constituir e consolidar uma bagagem de conhecimento e experiência prática como forma de preparação de auto-desenvolvimento para abrir seu próprio negócio no futuro. Desta forma, os critérios de avaliação da disciplina assumem estas características que vão para além do ciclo escolar, em termos do desenrolar da trajetória profissional do ex-aluno, sem nenhum requisito de idade para abrir o próprio negócio.

O propósito das metodologias é fazer com que os alunos frequentemente cruzem os muros da escola para entenderem o funcionamento do mercado, e estando em sala de aula, submetê-los a processos de trabalho semelhantes àqueles desenvolvidos pelos empreendedores. O Papel das instituições de ensino é proporcionar condições para que seus alunos possam se tornar futuros empreendedores identificando as visões do que desejam realizar, ou seja, transformar os sonhos em

projetos reais.

No Quadro 3, destacam-se as principais diferenças nos programas de ensino das instituições analisadas.

**Quadro 3.** Principais diferenças nos Programas Ensino – Empreendedorismo ETEC x Senac

Metodologias	ETECs	Senac
Conceitos	Conceito, origem e evolução do empreendedor.	Conceito de empreendedorismo
Características empreendedoras	Características, valores e virtudes do empreendedor;	Características do perfil do empreendedor. - Perspectivas de negócios e possibilidades de sucesso no cenário atual.
Ferramentas de Gestão	Desenvolvimento de planos de negócios.	Análise Swot, SCANCEA e desenvolvimento de negócio.
Desafios	Participação em todas as atividades em aula.	Qual é a importância do perfil empreendedor para a minha carreira?
Referência Bibliográfica aplicada	Dolabela, F. O Segredo de Luiza. 4ª ed. São Paulo, Editora Sextante, 2009	Dolabela, F. O Segredo de Luiza. 4ª ed. São Paulo, Editora Sextante, 2008 - Dornelas, J. C. A., Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios. 3 ed. Rio de Janeiro. Ed Elsevier, 2009
Carga horária aplicada nos cursos técnicos	16 horas	24 horas

Fonte: Elaborado pelos autores.

Embora as cargas horárias aplicadas nos cursos sejam diferentes, há uma tendência mais prática no plano de ensino do Senac. Segundo Gibb (1994, p.182), “o aluno aprende da seguinte forma: solucionando problemas; fazendo sob pressão; interagindo com os pares e outras pessoas; através de trocas com o ambiente; aproveitando oportunidades; copiando outros empreendedores; pelos próprios erros: é uma área em que se podem cometer erros (pequenos) porque há liberdade; através do *feedback* dos clientes”. O autor ainda complementa que para se encontrar efetividade

didática na área de empreendedorismo é essencial que o ensino seja inserido no contexto da pequena empresa, submetendo-o a situações similares àquelas em que encontraria com o negócio próprio, em um processo baseado em ações que o permitam praticar o uso das ferramentas aprendidas no curso.

## 5 Conclusões

As instituições de ensino profissionalizantes, enquanto preservadoras e propagadoras do conhecimento, devem zelar pelo aprimoramento e pela qualificação deste indivíduo que será inserido na nova ordem capitalista em que a criatividade e o planejamento são elementos essenciais para o sucesso profissional. A proposta pedagógica empreendedora pode vir a facilitar a inserção do aluno neste contexto, uma vez que a proposta é a de que o futuro empreendedor vivencie as novas descobertas em vários campos, seja por meio da pesquisa, do ensino e da própria experiência nas organizações. Este artigo mostrou, em termos gerais, que o ensino do empreendedorismo pode ser associado com o ensino profissionalizante. Apesar de destacar a importância do ensino empreendedor, ressalta-se o fator observado de orientar os jovens que querem criar a própria empresa ou fazer parte de uma organização como empreendedor.

Vivemos em uma sociedade que vive constantes mudanças nos comportamentos dos jovens. Seja pela mudança nos contextos sócio-econômicos, seja pelo próprio perfil do jovem brasileiro que busca autonomia e independência cada vez mais cedo, o interesse pela carreira empreendedora, seja pela atividade autônoma ou pela abertura do negócio próprio, vem aumentando a cada ano, fato que ressalta a urgência de debater o tema em nível nacional. Os crescentes custos que limitam o acesso ao ensino superior, a diminuição das perspectivas de emprego dos jovens formados nas universidades e a crescente instabilidade do núcleo familiar vem empurrando os jovens para a iniciativa empreendedora.

O presente estudo é um pequeno passo na direção de uma compreensão maior sobre o papel das escolas técnicas profissionalizantes na oferta de uma alternativa ao jovem brasileiro que vai além do emprego formal. Atendendo os anseios e a urgência desta geração, o ensino de empreendedorismo nas escolas técnicas

profissionalizantes é fundamental e relevante para o momento atual. O desenvolvimento da capacidade empreendedora é um dos grandes desafios econômicos dos dias de hoje, sobretudo à sociedade atual, dada a necessidade de romper com paradigmas consolidados desde o século retrasado, período de pleno domínio de uma economia industrial, baseado no emprego formal. Ao promover a capacidade empreendedora, proporcionamos opções de carreira aos jovens que não querem um emprego, trazendo novos valores que dão mais opções aos jovens.

Os programas demonstrados neste estudo, do Senac e da Etec, demonstram alinhamento com as expectativas dos jovens futuros empreendedores, provendo o conhecimento e a capacitação mínima, cabível à maturidade etária desta geração e suficiente em termos de conteúdo mínimo que equilibra a relação entre teoria e prática e o domínio de ferramentas de gestão essenciais para o jovem empreendedor nas fases iniciais de seu negócio nascente.

## 6 Implicações do estudo

Esta transição paradigmática envolve o cultivo de novos valores na base da formação do indivíduo na família e no sistema educacional. Espera-se que este estudo desperte novas pesquisas em escolas profissionalizantes com pesquisas de campo quanto a funcionalidade dos programas. Reforça-se a importância das instituições de ensino, principalmente dos cursos técnicos, de proverem uma formação empreendedora aos estudantes que objetivem abrir seu próprio negócio e, paralelamente, incentive os atuais empreendedores que não têm educação formal, a buscarem nas instituições de ensino, o aprendizado que servirá de guia para a realidade prática. As Instituições de ensino apresentam vários elementos associados ao desenvolvimento de planos de negócios e a abordagem pode ser revista com conceitos mais modernos sobre o empreendedorismo, desta forma fazer com que eles percebam a educação formal como um investimento que vai gerar informações essenciais para o sucesso de seu negócio e, de acreditar na competência das instituições de ensino de proverem uma educação empreendedora para aqueles que se dispõem a aprender. Cabe, então, ao ensino formal mais do que apenas apresentar aos alunos as ferramentas gerenciais, mas ensiná-los

como utilizá-las na prática.

## Referências

- BOAVA, D. L. T; MACEDO, F. M. F. (2006). Estudo sobre a essência do empreendedorismo. *Anais Encontro Nacional da Anpad – ENANPAD*, 30. 2006, Salvador.
- CALADO, S. D. S., & FERREIRA, S. D. R. (2013). *Análise de documentos: método de recolha e análise de dados*.
- CANTILLON, R. (1755). Essai sur la nature du commerce en général. *History of Economic Thought Books*.
- DEGEN, R. (1989). *O Empreendedor – fundamentos da iniciativa empresarial*. São Paulo: McGraw-Hill.
- DUTRA, I. S. (2002). *O perfil do empreendedor e a mortalidade de micro e pequenas empresas londrinenses*. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina consorciada, Maringá/Londrina.
- FAZENDA, I. C. (1995). *A interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. São Paulo: Edições Loyola.
- FILION, L. J. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*. São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5-28.
- GIBB, A. A. (1994). Do we really teach (approach) small business the way we should? *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 11(2), 11-27.
- GIL, A. C. (1991). Como elaborar pesquisas. *São Paulo: Atlas*.
- GRISPUN, M. P. S. Z. (2012). *Educação Tecnológica: Desafios e Perspectivas*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora.
- HASHIMOTO, M. (2010). *Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do Intraempreendedorismo*. 2 ed. São Paulo: Saraiva.

- HISRICH, R., & PETERS, M. (2006). *Empreendedorismo: teoria e prática*. Editora AMGH, São Paulo.
- KOLB, D. A. (1984) *Experiential learning*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall. p. 42.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. (1991). *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- MARCARINI, A.; SILVEIRA, A.; HOELTGEBAUM, M. (2003). O desenvolvimento do empreendedor nas universidades como instrumento de geração de novos negócios. *Third International Conference of the Iberoamerican Academy of Management Proceedings*, São Paulo. v.1, p.1–28.
- MOREIRA, M. A. (1995). *Ensino Aprendizagem – Enfoques teóricos*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Moraes.
- OLIVEIRA, R. (2013). A divisão de tarefas na educação profissional brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, (112), 185-203.
- PIAGET, J. (1990). *Epistemologia Genética*. Coleção Universidade Hoje. Martins Fontes, São Paulo.
- PIMENTEL, A. (2007) A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. *Revista Estudos de Psicologia*, 12(2), p.159-168.
- POLITIS, D. (2005) The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. *Entrepreneurship theory and practice*, 18(2), p.31-45.
- PINCHOT, G. (1989) *Intrapreneuring: por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor*. São Paulo: Harbra.
- RAE, D. (2004) Entrepreneurial learning: a practical model. *Education & Training*. V. 46. n. 8/9, p.492-500.
- ROCHA, E. L. C., & FREITAS, A. A. F. (2014) Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *RAC-Revista de Administração Contemporânea*, 18(4).
- SAY, J. B. (1997) *An Economist in Troubled Times: Writings*. Tor/Forge.
- SCHUMPETER, J. A. (1983) *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural.
- SEBRAE (2001) Empreendedorismo presente nas escolas. *Revista Sebrae*.
- SEVERINO, A. J. (2017) *Metodologia do trabalho científico*. Cortez editora.
- SOUZA, E. C. L. (2004) Educação Empreendedora: experiências e questões para pesquisa. *3ª Conferencia Internacional de Pesquisa em Empreendedorismo na América Latina*, Rio de Janeiro. v. 1. p. 01-15.
- VANEVENHOVEN, J. (2013) Advances and Challenges in Entrepreneurship Education. *Journal of Small Business Management*, 51-3, 466-470.
- ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. (2011) Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. *Cadernos Ebape*, v. 9, Edição Especial, artigo 6, Rio de Janeiro, p.564–585.